

por *Deborah Moreira Guimarães*

DOI: 10.12957/ek.2017.34011

### **Metafísica e Ciências: perspectivas fenomenológico-hermenêuticas**

A presente edição da *Ekstasis: revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, o volume 6 - número 2, chega trazendo um motivo especial de comemoração: o aniversário de 90 anos da publicação de *Ser e tempo*, obra mais influente do pensamento de Martin Heidegger. Com sua temática *Metafísica e ciências: perspectivas fenomenológico-hermenêuticas*, o leitor encontrará uma coletânea de artigos que dialogam direta ou indiretamente com esta obra fundamental, uma das mais impactantes do mundo contemporâneo e, em especial, da tradição fenomenológico-hermenêutica.

*Ser e tempo* marcou uma virada no pensamento filosófico por meio da conciliação entre fenomenologia e hermenêutica: o ser do ser humano passa a ser pensado a partir de seu horizonte histórico. A existência torna-se pura *ekstasis*, saída de si, desprendimento, isto é, as noções de sujeito e de consciência intencionais cedem lugar a uma dinâmica ekstática de realização da existência. *Ekstasis* é, portanto, “habitar a transcendência que caracteriza o ser-no-mundo”.

Com o intuito de celebrar esse momento tão importante, trazemos por Roberta Ribeiro Casiano a resenha do novo livro de Marco Antonio Casanova: *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. Volume 1: existência e mundaneidade* (Via Verita, 2017). O leitor encontrará, nesta obra, um comentário cerrado a *Ser e tempo*, além de explicações conceituais e contextuais indispensáveis à sua compreensão. Marco Casanova traz uma leitura extremamente lúcida, preenchendo as lacunas que tanto dificultaram a recepção da filosofia

heideggeriana no Brasil. Mais que um comentário, *Mundo e historicidade* traz consigo uma nova chave de leitura para a fenomenologia hermenêutica, além de uma possibilidade interpretativa que visa questionar posturas frequentemente medianas daqueles que se propõem a ler Heidegger. De maneira muito precisa, a resenha de Roberta Cassiano sintetiza os tópicos apresentados nos dois capítulos do livro, elucidando noções diretrizes de *Ser e tempo*.

Inaugurando a seção de artigos, Lucero González Suárez nos apresenta com uma análise fenomenológica da obra *Subida do Monte Carmelo*, de São João da Cruz. A autora explicita de maneira muito clara aspectos da fenomenologia contemporânea, em especial, daquela voltada à religião e à mística, a fim de mostrar em que sentido a Noite Escura é compreendida então como uma misteriofania negativa.

Já o artigo de Renata Ramos da Silva traz uma análise da argumentação de Gadamer acerca do caráter hermenêutico da compreensão. A autora expõe, em detalhes, o quanto a visão gadameriana da linguagem é fundamental para a virada ontológica do problema hermenêutico, cujas bases abrangem tanto o debate historicista quanto a articulação entre mundo e linguagem.

Tema essencial da filosofia contemporânea, Allan Josué Vieira trata do conceito de *noema* a fim de problematizar a posição da fenomenologia husserliana como idealismo transcendental. Discutindo as propostas de Hall, o autor questiona a possível neutralidade do idealismo de Husserl apresentando não apenas as consequências da correlação noético-noemática, mas também as suas implicações metafísicas.

Resgatando a problematização heideggeriana acerca da relação entre ciência e ontologia, Rogério Tolfo propõe uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica para a ciência. Por meio de recursos teóricos de *Ser e tempo*, o autor questiona a possibilidade de um âmbito mais originário de investigação do fenômeno científico, além de recuperar as noções de temporalidade e historicidade no que concerne à relação entre existência autêntica/inautêntica e ciência.

Em seu artigo, Debora Gill parte dos limites para a concepção de sujeito na ciência moderna com o propósito de buscar novas bases de compreensão do ser humano. A partir da filosofia de Heidegger, sobretudo de seu diálogo com a psicologia, a autora questiona o quanto a metodologia baseada nas ciências naturais pode ser insuficiente no âmbito psicológico e, consequentemente, no existir humano.

Em seguida, Christiane Costa de Matos Fernandes discorre sobre o modo como Heidegger se apropria da hermenêutica de Dilthey ao longo dos trabalhos publicados na década de 1920. A autora mostra os principais pontos de contato entre Heidegger e Dilthey, expondo a influência da hermenêutica histórica na fenomenologia e, consequentemente, no modo como o ser-aí se dá, isto é, como acontecimento compreensivo.

Por meio da crítica de Heidegger ao esquema sujeito-objeto, Ana Carla de Abreu Siqueira explicita como Heidegger busca superar a metafísica da subjetividade a partir de sua fenome-

nologia de acepção hermenêutica. A autora analisa o *cogito* cartesiano a fim de questionar a substancialização da noção de sujeito e o método representativo, responsáveis pela fundação de uma subjetividade posicionadora e, essencialmente, representativa.

Dando prosseguimento ao debate entre Heidegger e outros autores, Marcos Daniel Lopes traz uma análise acerca da interpretação heideggeriana sobre a filosofia de Agostinho, sobretudo do que concerne ao projeto de uma fenomenologia da vida religiosa. O autor apresenta as influências das *Confissões* nas décadas de 1910 e 1920, destacando sua importância na transformação da fenomenologia pura em hermenêutica da facticidade.

A fim de reconhecer a importância da recepção francesa do método fenomenológico, a presente edição da *Ekstasis* traz o artigo de Diego Luiz Warmling. O autor expõe como Merleau-Ponty remaneja as teses husserlianas com o propósito de unificar as relações entre o empírico e o transcendental por meio do paradoxo do corpo, enquanto consciência e experiência integrativa do ser humano no mundo.

Finalizando a seção de artigos, André Sendra de Assis retoma o debate proposto por Heidegger acerca da técnica moderna. A partir de uma análise da subjetividade egoica, enraizada no *cogito* cartesiano, o autor discorre sobre o processo de autonomização que envolve a relação posicionadora entre sujeito e mundo até o advento de uma subjetividade incondicionada, determinada pela maquinação e responsável pela produção de um mundo virtual.

A resenha e os nove artigos que compõem a presente edição da revista *Ekstasis* ocupam lugar de grande relevância nas pesquisas sobre hermenêutica e fenomenologia. Os problemas aqui elencados vão ao encontro da proposta da revista: sair para fora de si, habitar a união indissociável entre existência e mundo e, dessa maneira, viver o horizonte de sentido que é o nosso. Habitar o fora é lembrar, como diz Gadamer, que *a lente da subjetividade é um espelho deformante*.

Esperamos que nossos leitores encontrem na *Ekstasis* um espaço de reflexão filosófica capaz de enriquecer vivências, acadêmicas ou não, de maneira agradável e prazerosa. Desejamos a todos uma ótima leitura!